

Manifesto antimanicomial

Por Michele Rolim¹

Levar uma biografia aos palcos envolve muita responsabilidade e desafios, principalmente quando existem lacunas da trajetória em questão. O Teatro Humanoide, de Taubaté, encarou a empreitada em 2016 e estreou o trabalho *Yayá*, que pôde ser visto na programação do 36° Festival.

O texto de Cristiane Credidio, Luciana Camargo e Jefferson Machado (que também assina a direção) mistura a história real de Sebastiana de Melo Freire (1887-1961), conhecida como Dona Yayá, com a fantasia da releitura psicológica do conto *Sapatinhos Vermelhos*, feita por Clarissa Pinkola, em *Mulheres Que Correm Com Os Lobos*.

Durante o espetáculo, conhecemos Dona Yayá, uma mulher que teve uma vida marcada por tragédias familiares. Ela nasceu em uma rica família aristocrática no Estado de São Paulo, no final do século XIX, 1887, em Mogi das Cruzes, sendo a mais nova de cinco irmãos. O pai e a mãe morreram em 1900. Os outros dois irmãos haviam morrido na infância de acidentes banais. Cinco anos depois da morte dos pais, seu único irmão vivo cometeu suicídio, e Yayá herdou sozinha uma das maiores fortunas da época, mas aos 32 anos foi diagnosticada com “psicose

¹ Jornalista, pesquisadora e crítica teatral. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Trabalha na imprensa cultural desde 2009 e foi Conselheira Estadual de Cultura do RS (2020-2022). É editora do site AGORA Crítica Teatral (www.agoracriticateatral.com.br) e autora do livro “O que pensam os curadores de artes cênicas” (2017, editora Cobogó). É membro da FIBRA - Rede de Festivais Internacionais Brasileiros para Crianças e Jovens. Participou de diversos júris de Teatro. Vem atuando em festivais de artes cênicas no Brasil como crítica, debatedora e curadora.

esquizofrênica”, o que a impediu de administrar ou usufruir de seus bens, tendo sido mantida reclusa por 42 anos.

O espetáculo é ambientado de modo a criar um espaço de aproximação com a plateia. As duas atrizes estão em cima de uma lona de 5 x 2,5 m – um espaço um pouco maior do que o tamanho do quarto em que Yayá passou mais de quatro décadas reclusa. Cristiane Credidio e Luciana Camargo se revezam no papel de Yayá. A encenação opta por contextualizar a linha do tempo a partir do Modernismo, mostrando Yayá como provedora de saraus com amigos e artistas e uma entusiasta do movimento, citando inclusive figuras como Oswald de Andrade, Anita Malfatti e Pagu.

Na criação de uma dramaturgia biográfica, busca-se respeitar os fatos e as intenções dos personagens reais, mas cada autoria propõe um recorte, afinal é impossível resumir a abundância de toda uma vida em pouco mais de uma hora de teatro. São essas escolhas que nos levam a criar histórias distintas como a de Dona Yayá, que inspira muitas versões diferentes.

No entanto, o grupo deixa de problematizar uma questão importante em cena, a de considerar que Dona Yayá talvez não estivesse de fato doente e poderia ter sido vítima de uma conspiração de seus guardiões e tutores legais, hipótese que foi afirmada na época pelo jornal *O Parafuso* (apesar de ser considerado um jornal sensacionalista). Outra suposição é de que ela foi interditada por ser uma mulher à frente de seu tempo – se considerarmos que, nas primeiras décadas do século XX, ser uma mulher rica, independente e solteira em uma sociedade patriarcal era algo bastante ameaçador.

Apesar de, por vezes, a narrativa dar pistas desses pontos de vista, com diversos diálogos sobre o interesse da família em sua fortuna e também com a mistura da história real de Yayá com a fantasia do conto *Sapatinhos Vermelhos* – que enfatiza a questão do feminino –, a construção da personagem Yayá quando internada reafirma o estereótipo do louco como aquele que é impróprio para o convívio em sociedade. Na encenação da personagem, há gestos e ações recorrentes do senso

comum que as pessoas associam com a loucura: ela imagina que teve um filho, ela se agride, não podendo, portanto, estar sozinha; ela grita frases sem sentidos lógicos.

Tudo isso acaba por corroborar, de fato, o discurso de que ela tinha uma doença mental, deixando pouca margem para dúvida. Entretanto, quando atentamos para a história de Yayá e todas as lacunas existentes em sua trajetória, é importante deixar a dúvida se de fato ela tinha algum problema mental, ou se a questão era de outra ordem, como financeira ou moral.

De qualquer forma, a peça é um forte manifesto antimanicomial, que nos faz querer conhecer mais sobre Dona Yayá e lutar pela humanização dos pacientes acometidos por doenças mentais.